

# Cérebros em ação para antecipar o futuro

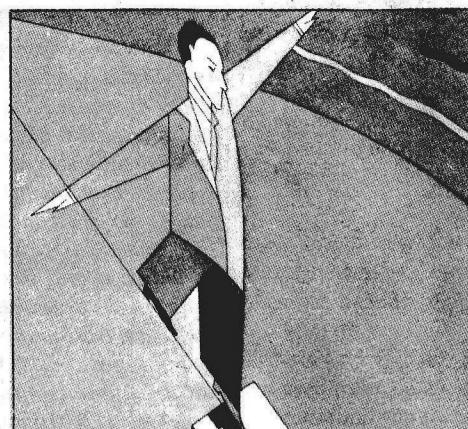
Segundo principal mercado do Estado, superado apenas pela Grande São Paulo, Campinas começou a apostar na indústria de alta tecnologia em 1986. Tinha como círculo seu avanço em pesquisas e um variado parque industrial, que já utilizava técnicas modernas de produção desde a década de 60. Hoje, uma considerável parte desse sonho já foi concretizado, com a fabricação de novos componentes nas áreas de química fina, fármacos, informática, telecomunicações e microeletrônica, pesquisados e desenvolvidos nos laboratórios instalados no município.

"O avanço industrial distancia a crise das empresas", afirma o delegado regional do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo, Tadeu Silva da Gama, que espera ver, em Campinas, um similar ao Vale do Silício americano, onde se concentram centenas de empresas de tecnologia de ponta. "Se o parque produtivo brasileiro não adotasse o caminho da modernização, cairia fatalmente no sucateamento que ocorre na Argentina", diz ele, satisfeito com um programa conjunto da Prefeitura Municipal, a Companhia Paulista de Força e Luz, a Telebrás e a Unicamp para investir nesta vocação.

Para isso, foi criada a Companhia de Desenvolvimento do Pólo de Alta Tecnologia de Campinas (Ciatec), empresa que administra um loteamento exclusivo para empresas de tecnologia de ponta à margem da Rodovia Dom Pedro I, próximo à Unicamp e aos centros de pesquisa. A previsão inicial é de instalação de 35 empresas em cinco anos, com isenção de impostos municipais.

"A receptividade está sendo grande", garante o diretor da Ciatec, o físico Wladimir Oswaldo Negrão Guimarães, que acompanha as empresas desde a criação até seu desenvolvimento. "O Brasil tem cérebros em grande quantidade, desenvolvendo pesquisas que nos últimos anos estão saindo das universidades para seguir o caminho da industrialização." A interação universidade-empresa está dando certo em Campinas. Da Telebrás, por exemplo, saíram as pesquisas de fibras ópticas, que substituirão os sistemas convencionais de transmissão na telefonia nacional, hoje congestionados. Uma empresa já produz fibras ópticas, adotadas em algumas estações experimentais no Rio de Janeiro.

A Unicamp, um dos mais avançados centros de estudo no País, exerce um papel fundamental neste programa de implantação do polo de alta tecnologia. Seus pesquisadores dão consultoria às empresas e a Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários mantém uma lista de produtos desenvolvidos que, bastando apenas o interesse empresarial, poderão ser produzidos. A Unicamp, entretanto, resguarda o retorno pelo trabalho de pesquisa, cobrando royalties. "Todo mundo ganha e uma



parte do lucro volta, para ser replicado na Universidade", explica Silva da Gama, que participa do Conselho Universitário da Unicamp. Com 1.650 indústrias, 80% delas de no máximo cem funcionários, Campinas oferece condições de infra-estrutura para o Vale do Silício Brasileiro ser um dia concretizado. A cidade tem 98% das residências abastecidas com água, 100% com energia elétrica e 90% com esgotos, além de ensino de alto nível em todas as áreas e proximidade à capital. "Isso favorece a fixação dos técnicos na cidade", acentua o delegado regional do Ciesp, que analisa o fracasso do polo tecnológico de Montes Claros, em Minas Gerais: "Lá havia investimentos do governo, mas não havia as condições naturais de Campinas, por isso o projeto ruiu".

Uma das primeiras empresas a aceder no Vale do Silício brasileiro foi a PHT-Sistemas Eletrônicos S/A, que participa do desenvolvimento do Programa Trópico, da Telebrás, destinado a implantar comutação digital da telefonia. Mesmo com a redução dos investimentos no setor, por parte do governo federal, a PHT ainda não sentiu sinais da crise econômica, porque optou por não se manter na dependência oficial. "O faturamento poderia ser melhor, principalmente levando-se em conta que a PHT tem na telefonia a sua principal receita", explica o diretor de operações e mercado da empresa, Sebastião Esteves Alpha. Ele direcionou seus técnicos para outras áreas. Como os sistemas de supervisão e controle de centrais, comunicação de dados, controle e automação de indústrias.

Enquanto cresce e amplia seu mercado, a empresa se prepara também para disputar o contrato de produção de um satélite espacial, concorrendo com grupos estrangeiros. A PHT, entretanto, é apenas uma das dezenas de indústrias da área de telecomunicações que se beneficiam do Centro de Pesquisas e Desenvolvimento da Telebrás e Unicamp. A Telebrás já transferiu a tecnologia de 75 produtos para 45 empresas brasileiras, grande parte delas de Campinas. O primeiro Chip brasileiro, a menor unidade de processos de dados do cérebro do computador, foi desenvolvido em Campinas, por técnicos da Telebrás e da Unicamp.

"No começo dos anos 80, ninguém pensava em ver Campinas como o nosso Vale do Silício, que na verdade nasceu há cem anos, com o Instituto Agronômico", diz o ex-prefeito José Roberto Magalhães Teixeira, que assinou o decreto de criação da Ciatec e visitou vários países, para ver como funcionam os pólos de alta tecnologia no Exterior. "Nossa modelo é diferente de todos. Diversificado e moderno, já tirou o Brasil da dependência de muitos produtos", garante Magalhães Teixeira, animado com as novas perspectivas.

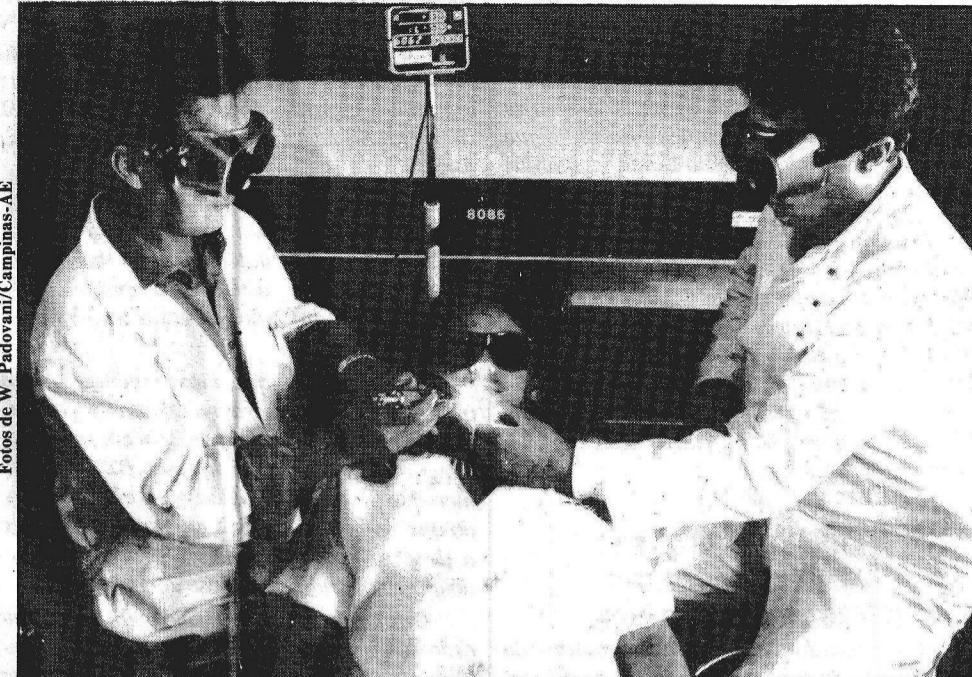
## Compare os dois mundos

### Brasil real

● A recessão está afastada, pelo menos até a posse do próximo presidente da República, marcada para março do ano que vem. Esta foi a conclusão da diretoria da Fiesp, Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, ao divulgar que a indústria paulista cresceu 3,1% durante o mês de julho passado, apesar dos prognósticos pessimistas. O índice positivo de julho foi o terceiro consecutivo do ano.

### Brasil oficial

● A crise no abastecimento de álcool combustível chega a um dos principais estados produtores de cana-de-açúcar. Dos 700 postos de serviço instalados em Pernambuco, 500 deles já não têm o produto. O motivo principal da falta de álcool, segundo o sindicato do comércio de derivados de petróleo, decorre do não cumprimento dos usineiros com o CNP — Conselho Nacional do Petróleo —, no que se refere à normalização do abastecimento.



Em Campinas, desenvolvimento de laser para fins cirúrgicos



São Carlos, acima, o cientista Milton Pereira de Souza e sua produção de semicondutores cerâmicos. Ao lado, leitor de barras no supermercado.

## Notícias do Brasil real

O supermercado Santa Tereza, localizado em São Caetano do Sul, no ABC paulista, está conseguindo aumentar suas vendas em cerca de 30% ao mês, graças à entrada da empresa no mercado de cestas de alimentos. Na iniciativa, desde abril passado, a empresa já forneceu 12 mil cestas e espera chegar a 25 mil unidades até dezembro próximo.